

## A instrumentalização da guerra em 1984 de George Orwell

### The instrumentalization of war in ninety eighty-four by George Orwell

**Evanir PAVLOSKI\***  
UEPG

\* Doutor em Estudos  
Literários – E-mail:  
evanir.pv@gmail.com

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo discutir a figuração da guerra no romance distópico *1984* de George Orwell, tendo como parâmetros analíticos a espetacularização da violência e a instrumentalização da guerra enquanto mecanismos de controle social e de estabilização do regime totalitário figurado na obra. Tendo como base as reflexões teóricas de Michel Foucault, o artigo analisa as manifestações da violência no romance como mecanismos gerados institucionalmente com o intuito de dar vazão às frustrações e impulsos dos cidadãos da Oceania, fortalecendo, dessa forma, a ordem social. Nesse sentido, a guerra permanente figurada na obra serve não apenas como gatilho, mas também como elemento da perpetuação da violência como espetáculo coletivo.

**Palavras-chave:** Distopia. Guerra. Instrumentalização.

**Abstract:** This article aims to discuss the depiction of war in the dystopian novel *Ninety Eighty-Four* written by George Orwell. The analytical parameters for this discussion are the spectacularization of violence and the instrumentalization of war as mechanisms designed to promote social control and stability for the totalitarian *régime* depicted in the narrative. Based on the theoretical views by Michel Foucault, the article intends to analyze the manifestations of violence in the novel as institutionally-created tools with the purpose of giving vent to the frustrations and impulses held back by the citizens of Oceania, process which strengthens the social order. In this context, the permanent war depicted in the novel not only triggers the use of violence as a collective spectacle but also guarantees its permanence.

**Keywords:** Dystopia. War. Instrumentalization.

O século XX foi, sem dúvida, marcado pelo signo da ruptura. As transformações e suas eventuais conseqüências na esfera social são não somente apreensíveis, mas também analisáveis na contemporaneidade. Dentre essas profundas alterações, os conceitos e as práticas da guerra merecem inequívoco destaque. A perplexidade provocada pela violência das duas guerras mundiais incitou teorias, imaginários e projeções que objetivavam refletir sobre as possibilidades de futuro após o claro aperfeiçoamento humano para a destruição e o genocídio.

Em um ensaio chamado “You and the Atom Bomb”, escrito em 1945, George Orwell analisa as possíveis conseqüências do trágico desfecho da Segunda Guerra Mundial, especialmente o ataque nuclear dos Estados Unidos contra o Japão. Segundo ele, uma nova concepção de guerra estaria sendo gerada pela bipartição do mundo em duas grandes superpotências e pelo inegável avanço tecnológico da indústria bélica. Ao contrário do que muitos críticos sustentavam, Orwell acreditava que tais avanços não significariam a destruição generalizada dos Estados, mas um novo padrão de estabilidade sustentado na redistribuição das forças políticas e armamentistas. Afirma ele que,

James Burnham’s<sup>1</sup> theory has been much discussed, but few people have yet considered its ideological implications – that is, the kind of world-view, the kind of beliefs, and the social structure that would probably prevail in a state which was at once *unconquerable* and in a permanent state of “cold war” with its neighbours<sup>2</sup> (ORWELL, 1945. In: ORWELL & ANGUS, vol. 04, 1968, p. 9).

Conseqüentemente, o próprio conceito de paz seria alterado dentro desse novo regime, no qual a equivalência bélica e o medo de uma possível destruição mútua possibilitariam a centralização política em cada Estado e a sustentação de uma ordem social interna e externa. “If, as seems to be the case, it is a rare and costly object as difficult to produce as a battleship, it is likelier to put an end to large-scale wars at the cost of prolonging indefinitely a *peace that is no peace*”<sup>3</sup> (ORWELL, 1945. In: ORWELL & ANGUS, vol. 04, 1968, p. 9-10).

Essas reflexões de Orwell tomam forma em *1984*, romance distópico publicado em 1949. Na obra, as projeções apresentadas em seu ensaio não apenas são figuradas, mas também radicalizadas em grande medida, fazendo com que a relação entre o pensamento sóciopolítico do autor e a sua produção ficcional possibilita um melhor entendimento da distopia vislumbrada e temida por Orwell.

Em *1984* a guerra perene é um mecanismo de controle social e de manutenção do poder imposto pelo Partido. Isso de se dá por meio de uma instrumentalização estratégica do conflito armado.

<sup>1</sup> James Burnham: crítico político e autor de obras como *Machiavellians*, *The Managerial Revolution* e *Struggle for the World*.

<sup>2</sup> Tradução livre: A teoria de James Burnham tem sido muito discutida, mas poucas pessoas já consideraram as suas implicações ideológicas, isto é, o tipo de visão de mundo, os tipos de crenças, e a estrutura social que provavelmente prevaleceria num estado que se tornou incontestável e num estado de permanente “guerra fria” com os seus vizinhos.

<sup>3</sup> Tradução livre: Se, como parece ser o caso, (a bomba atômica) é um objeto raro e dispendioso, tão difícil de produzir quanto um navio de guerra, é possível que ponha um fim nas guerras de larga escala ao custo de prolongar indefinidamente uma “paz que não é paz”.

Tal procedimento faz com que todos os indivíduos estejam imersos num estado de guerra infundável e por ele condicionados do ponto de vista econômico, ideológico, psicológico e social. As necessidades comumente geradas pelo enfrentamento belicoso são transformadas em dispositivos permanentes de normalização e direcionamento dos sujeitos e de suas vontades. Como afirma Jenni Calder:

In Oceania there is a state of perpetual crisis which is used as a weapon to get people to do what is wanted, to submit to power. They are persuaded that their own individual interests are identical with the national interest. Exactly the same thing was happening in wartime Britain. Individuals were encouraged to believe that their particular effort, their particular sacrifice, would help to win the war<sup>4</sup> (CALDER, 1976, p. 9).

Michel Foucault analisa a instrumentalização da guerra como dispositivo político de poder e controle. Segundo ele, a política apresenta como base aspectos de um conflito armado, os quais contribuem para a sustentação do poder dominante e a massificação dos indivíduos por meio de uma contínua disputa de forças. O sujeito comum viveria imerso nesse enfrentamento sem, entretanto, exercer diretamente o poder que primordialmente lhe caberia como cidadão.

(...) se o poder é em si próprio ativação e desdobramento de uma relação de força, em vez de analisá-lo em termos de cessão, contrato, alienação, ou em termos funcionais de reprodução das relações de produção, não devemos analisá-lo acima de tudo em termos de combate, de confronto e de guerra? Teríamos, portanto, frente à primeira hipótese, que afirma que o mecanismo de poder é fundamentalmente de tipo repressivo, uma segunda hipótese que afirma que o poder é guerra, guerra prolongada por outros meios [...] A repressão seria a prática, no interior dessa pseudo-paz, de uma relação perpétua de força (FOUCAULT, 1981, p. 176, 177).

Winston Smith é ao mesmo tempo uma das vítimas e a voz descritiva das diversas facetas da sociedade distópica. Ainda que o seu discernimento seja sua característica primordial e suas considerações íntimas constituam o viés pelo qual o leitor tem acesso às especificidades do controle exercido pelo Partido, o protagonista não é capaz de se desvencilhar do mecanismo que o envolve e o oprime. Assim, por meio da análise da personagem é possível vislumbrar não apenas a estruturação do dispositivo da guerra, mas também as suas conseqüências diretas sobre os sujeitos.

Primeiramente, é necessário salientar que os acontecimentos anteriores à formação do regime do Grande Irmão e o processo de perpetuação dos conflitos são esparsamente recuperados pela memória inconstante de Winston.

<sup>4</sup> Tradução livre: Na Oceania há um estado de crise perpétua que é usado como uma arma para fazer com que as pessoas façam aquilo que é desejado, para que elas se submetam ao poder. Elas são persuadidas que os seus próprios interesses individuais são idênticos ao interesse nacional. Exatamente o mesmo estava ocorrendo na Inglaterra durante a guerra. Os indivíduos eram encorajados a acreditar que os seus esforços particulares, os seus sacrifícios particulares, ajudariam a vencer a guerra.

Winston não podia lembrar definitivamente de uma época em que o país não estivesse em guerra, mas era evidente um intervalo de paz bastante longo durante a sua infância, porque uma de suas lembranças mais antigas era de um bombardeio que parecera a todos surpreender. Fora talvez quando a bomba atômica caíra em Colchester.

[...]

Desde mais ou menos aquela época, a guerra fora literalmente contínua, embora, a rigor, não fosse sempre a mesma guerra. Durante vários meses, durante sua meninice, houvera confusas lutas de rua na própria Londres, e de algumas ele se recordava vivamente (ORWELL, 2003, p. 34, 35).

Ainda que a origem da sociedade distópica de 1984 não seja de fundamental importância para a nossa discussão, é interessante notar a menção ao uso da bomba atômica como fator decisivo para a ascensão do Partido e do novo modelo social.

Além disso, cabe ressaltar a colocação de Winston sobre a mutabilidade da guerra ao longo do tempo. A continuidade do conflito se baseia num princípio de rotatividade dos inimigos, isto é, se num dado momento a Eurásia e a Lestásia se aliam contra a Oceania, noutra as alianças e os ataques se invertem, mantendo sempre a proporção de duas nações contra uma e sem que nunca uma vitória definitiva seja alcançada. O protagonista luta contra a sua própria memória para recuperar as nuances do(s) interminável(is) conflito(s):

Naquele momento por exemplo em 1984 (se é que era 1984), a Oceania estava em guerra com a Eurásia e era aliada da Lestásia. Em nenhuma manifestação pública ou particular se admitia jamais que as três potências se tivessem agrupado diferentemente. Na verdade, como Winston se recordava muito bem, fazia apenas quatro anos a Oceania estivera em guerra com a Lestásia e em aliança com a Eurásia. Isso, porém, não passava de um naco de conhecimento furtivo, que ele possuía porque a sua memória não era satisfatoriamente controlada (ORWELL, 2003, p. 35-36).

No ensaio citado anteriormente, o autor já atentava para essa característica aparentemente paradoxal das guerras que poderiam surgir e que fariam parte da nova ordem mundial que se organizava após a utilização da bomba atômica:

The atomic bomb may complete the process by robbing the exploited classes and peoples of all power to revolt, and at the same time putting the possessors of the bomb on a basis of military equality. Unable to conquer one another, they are likely to continue ruling the world between them...<sup>5</sup> (ORWELL, 1945. In: ORWELL & ANGUS, vol. 04, 1968, p. 9).

Contudo, o paradoxo não vai além do mundo das aparências. Em 1984, a continuidade da guerra apresenta objetivos determinados

<sup>5</sup> Tradução livre: A bomba atômica pode completar o processo roubando todo o poder de revolta das classes exploradas e dos povos, e ao mesmo tempo colocando os possuidores da bomba em bases de igualdade militar. Incapazes de conquistar uns aos outros, eles tendem a continuar dividindo o controle do mundo entre eles...

e pragmáticos. Winston não compreende esses objetivos num primeiro momento, ainda que suas descrições já indiquem em grande parte os propósitos a serem revelados posteriormente. Dessa forma, para melhor analisarmos o conflito bélico como regulador social é preciso antecipar um momento específico da trajetória do protagonista. Pouco antes de ser aprisionado, Winston visita O'Brien, com o intuito de unir-se ao movimento de resistência contra o Partido. Ao ser aceito, a personagem recebe um livro considerado proibido pelo Estado e intitulado *Teoria e Prática do Coletivismo Oligárquico*, no qual todos os princípios que norteiam a sociedade do Grande Irmão são dissecados. “Um pesado volume negro, em uma encadernação tosca, sem nome nem título na capa” (ORWELL, 2003, p. 177). Esse documento pode ser entendido como uma coletânea das ideias e dos conceitos que organizaram o modelo social figurado em 1984. Assim, a união das descrições iniciais do protagonista e o conteúdo do livro apresentado na segunda parte da obra permitem uma discussão mais aprofundada dos mecanismos articulados pelo Partido.

Do ponto de vista econômico, a guerra contínua abrange dois aspectos intimamente ligados: a manutenção da hierarquia social e a docilização dos corpos.

O primeiro aspecto aponta para a relativização do ideal progressista que marcou o século XIX e fomentou a produção de diferentes projeções utópicas. Ainda que os avanços técnicos e tecnológicos sejam aparentes no espaço ficcional do romance, a utilização deles na realidade social não resulta em melhorias nas condições de vida ou na redução das desigualdades. O ufanismo das primeiras décadas do século XX se dilui na manipulação autocrática dos recursos figurada no romance, como podemos perceber na passagem abaixo:

O mundo de hoje é um planeta nu, faminto, e dilapidado, em comparação com o que existia antes de 1914 e ainda mais se comparado com o futuro imaginário aguardado pelos seus habitantes daquela era. No começo do século vinte, a visão de uma sociedade futura incrivelmente rica, ociosa, ordeira e eficiente – um refulgente mundo anti-séptico de vidro, aço e concreto branco de neve – fazia parte da consciência de quase toda pessoa alfabetizada. A ciência e a tecnologia se desenvolviam num ritmo prodigioso, e parecia natural imaginar que continuassem se desenvolvendo (ORWELL, 2003, p. 182).

Na sociedade do Grande Irmão a produtividade gerada pela mecanização não deve ser absorvida igualmente pela população, uma vez que a conquista de bens materiais é o primeiro passo para a busca de novas conquistas. Entretanto, é preciso manter uma estabilidade social e produtiva capaz de assegurar o poder e a hierarquia na qual se alicerça o Estado.

Tornou-se também claro que o aumento total da riqueza ameaçava de destruição – com efeito, de certo modo *era* a destruição – a sociedade hierárquica. Num mundo em que todos trabalhassem pouco, tivessem bastante o que comer, morassem numa casa com banheiro e refrigerador, e possuíssem automóvel e mesmo avião, desapareceria a mais flagrante e talvez mais importante forma de desigualdade. Generalizando-se, a riqueza não conferia distinção (ORWELL, 2003, p. 183) [grifo do autor].

Nesse contexto, a teoria da guerra surge como uma resposta adequada e particularmente eficiente. A perpetuação de um conflito, não importando quem o inimigo possa ser, possibilita a concentração dos recursos na indústria bélica, a qual não traz para a população qualquer tipo de melhoria direta na qualidade de vida e demanda uma constante renovação dos produtos em vista da competitividade inimiga. Além disso, o escoamento da produção torna-se automático e o estado de guerra impossibilita reivindicações do uso de recursos em outras áreas crônicas da sociedade.

Era preciso produzir mercadorias, porém não distribuí-las. E na prática, a única maneira de o realizar é pela guerra contínua. O essencial da guerra é a destruição, não necessariamente de vidas humanas, mas dos produtos do trabalho humano [...] A atmosfera social é a de uma cidade sitiada, onde a posse de um pedaço de carne de cavalo diferencia entre a riqueza e a pobreza. E, ao mesmo tempo, a consciência de estar em guerra, e portanto em perigo, faz parecer natural a entrega de todo poder a uma pequena casta: é uma inevitável condição de sobrevivência (ORWELL, 2003, p. 184-185).

Deparamo-nos então com o segundo aspecto citado sobre a esfera econômica: a docilização dos corpos. Na Oceania, a guerra perpétua coloca os indivíduos num regime de escassez que se aproxima de um estado de miséria sub humana. Comida, produtos básicos de higiene e de vestuário são sumariamente racionados com o tendencioso propósito de canalizar todos os recursos possíveis para o combate aos inimigos do regime. Desde a caracterização física de Winston Smith até os seus hábitos alimentares, o leitor percebe como é insalubre a vida das personagens em *1984*. O protagonista, apesar de ter apenas trinta e nove anos, possui a aparência de um homem idoso, apresentando uma constituição física fragilizada e problemas de saúde provenientes da má qualidade de vida.

Sendo a sociedade do Grande Irmão fundada em bases socialistas, o Partido é responsável não só pela distribuição de comida e bens de consumo, mas também das drogas legalizadas como os cigarros e a bebida alcoólica. A falta de alimentação é suprida pelos pequenos vícios deliberadamente incutidos nos indivíduos, colaborando para a decadência física de cada um deles. Como é possível verificar nas considerações de Winston:

Em todas as épocas que lembrava com precisão, nunca houvera suficiente para comer, nunca tivera meias ou roupa branca que não fossem esburacadas,

mobília que não fosse capenga e gasta; e cômodos mal aquecidos, trens subterrâneos apinhados, casas caindo aos pedaços, pão escuro, chá raro, café nojento, cigarros insuficientes – nada barato e abundante, exceto gim sintético (ORWELL, 2003, p. 60-61).

Percebe-se que o protagonista exercita a sua capacidade crítica, um sério crime contra o regime do Grande Irmão: a *crimideia*. Esse discernimento fica evidente na passagem abaixo, quando Winston reflete sobre a naturalidade com que se encara a situação dos cidadãos da Oceania:

E conquanto as coisas piorassem com o envelhecimento do corpo, não era isto um sinal de ser diferente a ordem natural das coisas, quando o coração se confrangia ante o desconforto, a sujeira e a escassez, os invernos intermináveis, as meias pegajosas, os elevadores que nunca funcionavam, a água fria, o sabão áspero, os cigarros que se desfaziam, a comida de sabor mau e estranho? Por que achar isso tudo intolerável, a menos que se tivesse uma espécie de lembrança ancestral de coisas outrora diferentes? (ORWELL, 2003, p. 61).

Tais aspectos, acrescidos do volume de trabalho exigido de cada um dos membros do Partido, produzem uma debilidade generalizada na população, que consegue concentrar suas forças em pouco mais do que a sua própria sobrevivência. Os corpos são docilizados pela insuficiência de praticamente tudo aquilo que constitui o mínimo para a vida humana, dificultando, em termos práticos, o levante de populares contra o regime estabelecido. Tudo em nome de um conflito infundável e institucionalizado pela sociedade distópica.

A voz da teletela fez uma pausa. Um toque de clarim, belo e límpido, flutuou no ar estagnado. [...] Más notícias, pensou Winston. E, com efeito, depois de uma sanguinolenta descrição do aniquilamento de um exército eurasiático, com formidáveis cifras de mortos e prisioneiros, divulgou-se a notícia de que, a partir da semana próxima, a ração do chocolate seria reduzida de trinta e nove gramas (ORWELL, 2003, p. 27).

Reportamo-nos novamente a Foucault, para quem a estrutura disciplinar da sociedade – levada às últimas conseqüências na distopia de George Orwell – objetiva a modelação dos corpos e mentes dos indivíduos, direcionando-os para uma utilidade social específica, construindo um saber facilitador da manipulação das massas e solidificando o poder alimentado por esse conhecimento. Ao analisar a obra *Vigiar e Punir* do crítico francês, Inês Lacerda Araújo afirma:

Esse é o ponto chave de *Vigiar e Punir*. O corpo sempre foi tomado pela violência, castigo e dureza do trabalho. Já foi escravizado, o que ele produziu foi-lhe retirado, foi dominado e sofreu até voluntariamente privações como nas práticas ascéticas. Mas a sociedade disciplinar exerce

um domínio e constringimento sobre o corpo tomado individualmente para dele extrair o máximo de utilidade e docilidade (ARAÚJO, 2001, p. 76).

É interessante notar, por exemplo, os exercícios físicos aos quais os cidadãos da Oceania são arbitrariamente submetidos todos os dias. Não fosse suficiente a débil integridade dos indivíduos, a voz proveniente das telas comanda um verdadeiro ritual de disciplinamento corporal e obediência mental que não apenas reafirma, mas também garante a docilidade dos sujeitos. Tendo em vista a estrita vigilância que o cerca, Winston não tem alternativa além de se manter submisso e útil. No primeiro terço da obra, o protagonista só pode enterrar os seus questionamentos no seu próprio íntimo e procurar refúgio na massificação que o rodeia.

Um calor quente e súbito dominou todo o corpo de Winston. O rosto continuou inescrutável. Jamais revelar desânimo! Jamais revelar ressentimento! Um simples olhar podia denunciá-lo. Ficou olhando a instrutora levantar os braços acima da cabeça e – não se podia dizer com graça mas com notável decisão e eficiência – inclinar-se e meter a falangeta sobre os arcos (ORWELL, 2003, p. 38).

Entretanto, a racionalização da economia pela produção bélica e o conseqüente domínio dos corpos constituem apenas uma das etapas para o cumprimento dos objetivos que norteiam o lema *Guerra É Paz*. Não basta vergastar o físico, é preciso controlar também a consciência dos sujeitos. Nesse sentido, a continuidade dos conflitos proporciona elementos de alto grau de eficiência no condicionamento ideológico da população.

Em primeiro lugar, a guerra em 1984 é transformada num espetáculo que deve ser prestigiado por todos a todo o momento. As supostas vitórias são comemoradas com execuções públicas, linchamentos coletivos e filmes sádicos que expõem detalhadamente a destruição dos inimigos. Winston menciona em diversos momentos da narrativa a organização constante desses eventos, nos quais a presença de cada indivíduo é uma prova de lealdade para com o Partido. É interessante notar que a perenidade do conflito provoca na personagem o endurecimento característico daqueles que participam de um regime que dá pouco valor à vida humana. Olhar crítico e banalização total da violência se juntam nas descrições apresentadas pelo protagonista.

*Ontem à noite ao cinema. Tudo fitas de guerra. Uma muito boa dum navio cheio de refugiados bombardeado no Mediterrâneo. Público muito divertido com cenas de um homenzarrão gordo tentando fugir nadando dum helicóptero, primeiro se via ele subindo descendo água que nem golfinho, depois pelas miras do helicóptero, e daí ficava cheio de buracos o mar perto ficava rosa e de repente afundava como se os furos tivessem deixado entrar água. Público dando gargalhadas quando afundou* (ORWELL, 2003, p. 11).

Compartilhando o posicionamento do protagonista, o leitor se inquieta com o espetáculo de sangue, gritos e explosões que faz parte do cotidiano dos habitantes da Oceania e que, principalmente ao ser filmado e exibido, transforma-se em opção de entretenimento nos poucos momentos de lazer a serem desfrutados. “Deviam ser enforcados aquela noite, no Parque, uns prisioneiros eurásianos criminosos de guerra. Isso acontecia uma vez por mês e era um grande espetáculo popular. As crianças sempre exigiam que as levassem” (ORWELL, 2003, p. 25).

A recorrência desses eventos produz resultados interessantes para o Partido, como por exemplo, a formação de um nacionalismo ufanista e a contínua exaltação do Grande Irmão como o líder máximo das tropas. Ao insuflar a exaltação desmedida da pátria, o Partido afasta os indivíduos não só das possibilidades de crítica ao regime, mas também das suas próprias necessidades pessoais. O nacionalismo cego redireciona os desejos da esfera do particular para a esfera do coletivo, uniformizando ideologicamente a população e tornando aceitáveis, pelo bem da coletividade, as piores condições de vida. Assim afirma Annateresa Fabris ao analisar a mística da guerra, “a atmosfera favorável a guerra, não apenas como momento circunstancial, mas, antes de tudo, como fator restaurador do ser social, como superação das “dispersões materialistas e egoístas”, como forjadora do cidadão consciente” (FABRIS, 1987, p. 151).

Nesse processo, o papel da guerra atua simultaneamente como meio de produção e produto final. Os constantes ataques inimigos colocam os cidadãos da Oceania num estado de profunda inquietação, o qual, sendo bem fortalecido pelos veículos de propaganda oficial, desperta uma valorização de todos os elementos ameaçados pelo suposto antagonista. Os indivíduos amam mais o seu país e os seus lares quando os vêem em perigo. Simultaneamente, a lógica nacionalista parece alimentar o conflito por meio de um silogismo: a Oceania é a melhor e mais desenvolvida potência do mundo; conseqüentemente, as outras potências são inferiores; assim, cabe ao país mais evoluído expandir para fora de suas fronteiras o seu modo de vida, trazendo o desenvolvimento para aqueles que vivem nas trevas ou que não aceitam a óbvia superioridade oceânica; em conclusão, cabe à nação mais desenvolvida dominar e trazer para a luz, ainda que pela força, aqueles que ainda não encontraram o caminho para a harmonia. A valorização nacional parece ser apenas o primeiro passo para o intervencionismo e para a guerra. Dessa forma, vemos a guerra servindo como combustível para o nacionalismo e valorizada pelo fortalecimento dos laços nacionais.

Aldous Huxley desenvolve essa reflexão em seu livro de ensaios críticos *O Despertar do Mundo Novo*. Afirma ele que,

(...) os ideais vagos e incertos dos tempos de paz cedem lugar a uma definição incisiva do ideal do tempo de guerra – que é a vitória a qualquer custo; as complexidades desnorteantes dos padrões sociais durante o tempo de

paz são substituídas pelo belo e simples padrão de uma comunidade lutando pela sua existência. O perigo aumenta o senso de solidariedade social e acende o entusiasmo patriótico. A vida adquire sentido, significação, e é vivida no mais alto grau de intensidade emocional (HUXLEY, 1979, p. 121).

Na obra distópica de Orwell a guerra nunca termina e, portanto, o processo descrito por Huxley jamais encontra termo. Os indivíduos se mantêm entusiasmados com o papel de sua nação no conflito e devotados aos desígnios do Partido diante das ameaças externas.

Além disso, a figura do líder assume grande importância como elemento unificador e protetor da nação. O Grande Irmão, que já representava os mais altos ideais do Partido e da revolução que implantou o regime, incorpora por meio da guerra todos os valores que supostamente distinguem a Oceania de seus inimigos e personifica a última linha de defesa desses ideais contra a agressão externa. Tal admiração se mantém estável indefinidamente e acaba por atribuir à sociedade da Oceania características teocráticas, que se aliam aos aspectos do autoritarismo fascista já presentes na obra, ou seja, a glorificação do líder político maior. A união desses aspectos atua diretamente na manutenção da estabilidade hierárquica, na concentração de poder cada vez maior nas mãos de Partido, na alienação dos indivíduos por meio do nacionalismo ufanista e na continuidade da guerra como dispositivo controlador do regime. Aldous Huxley analisa esse processo da seguinte forma:

A principal causa da guerra é o nacionalismo, que é imensamente popular porque satisfaz psicologicamente os indivíduos nacionalistas. Todo nacionalismo é uma religião idólatra, cujo Deus é personificado pelo Estado, representado em muitos casos por reis ou ditadores mais ou menos deificados [...] Todo o homem que acredite muito fortemente na idolatria nacionalista local, pode encontrar em sua fé um antídoto contra até mesmo o mais agudo complexo de inferioridade. Os ditadores alimentam as chamadas da vaidade nacional e colhem a sua recompensa na gratidão de milhões, para os quais a convicção de que participam da glória de uma divina nação mitiga-lhes o tormento da consciência de pobreza, ausência de importância social e insignificância pessoal (HUXLEY, 1979, p. 96-97).

Em 1984, fica claro desde o início do texto que a idolatria é signo que define toda a sociedade da Oceania. Basta lembrar da abundância de cartazes nos quais o olhar austero do Grande Irmão persegue todos os indivíduos, tendo como o apoio as palavras teoricamente reconfortantes: “O Grande Irmão Zela Por Ti!”. A adoração dessa figura máxima do Estado gera um clima de profunda neurose, no qual o totalitarismo distópico exige nada menos do que uma fidelidade cega e um amor incondicional. “Por toda parte há a mesma estrutura piramidal, a mesma adoração de um chefe semidivino, a mesma economia que existe para a guerra contínua [...] Os

governantes desse Estado são absolutos como os faraós e os césares não puderam ser” (ORWELL, 2003, p. 189-190, 191).

Winston Smith não apenas rejeita essa idolatria, mas também, à medida que o enredo progride, ele passa a contestar o ufanismo teocrático que o Partido busca incitar nos indivíduos. De forma inversa, o amor é substituído pelo ódio no íntimo do protagonista, de forma que, aos olhos da sociedade, ele se torna um traidor e um criminoso ideológico. No desfecho da obra, a mais violenta punição a ser suportada pela personagem será exatamente a transformação do ódio em amor, uma vez que para o Ingsoc não basta apoiar o regime, mas amá-lo com todas as forças provenientes da inconsciência e da docilidade.

Não obstante, a guerra contínua apresenta uma outra faceta do ponto de vista psicológico que não pode ser deixada de lado. O conflito bélico entre os superestados possibilita a canalização dos instintos agressivos dos indivíduos para um alvo comum, ao mesmo tempo em que fortalece a coesão do corpo social pela mitificação dos inimigos. Um culto ao ódio se forma no interior das fronteiras por meio da ignorância em relação às sociedades externas, do ufanismo patriótico arraigado na população, no orgulho nacionalista que prega a inferioridade dos estrangeiros e na suposta ameaça dos valores que norteiam o regime. Segundo essa lógica, o amor ao Grande Irmão deve necessariamente existir em oposição ao ódio cultivado contra todos os seus opositores e, num sentido mais amplo, a todos aqueles que se mostram incompatíveis com os modelos do Partido. Retornamos uma vez mais à discussão de Huxley sobre a guerra como dispositivo institucional:

O complemento da presunção é o desprezo pelos outros. A vaidade e o orgulho geram o desrespeito e o ódio. O desprezo e o ódio são emoções excitantes – emoções das quais as pessoas obtêm estímulos. Os partidários de uma idolatria nacional apreciam o estímulo do ódio e do desprezo pelos partidários de outras idolatrias. Pagam por esse prazer preparando-se para a guerra que a capitulação ao ódio e ao desprezo torna inevitáveis (HUXLEY, 1979, p. 97).

Esse estímulo constitui um dos pilares do sólido poder sustentado pelo Partido. Os espetáculos punitivos se associam a cerimônias ritualísticas bem organizadas, nos quais o ódio é não apenas direcionado contra alvos específicos, mas também cultivado como um atributo de grande importância para os cidadãos da Oceania. Tais ocasiões são divididas em dois tipos: os *Dois Minutos do Ódio* e a *Semana do Ódio*. O primeiro é uma prática diária, vista como um exercício de lealdade para com o Partido. Em contrapartida, a semana dedicada ao ódio é um evento anual e festivo, no qual são glorificadas as vitórias do Partido e a sabedoria do Grande Irmão. As inversões realizadas pelo autor dificilmente passam despercebidas. Os

minutos dispensados diariamente parecem remontar as práticas de alguns regimes totalitários onde as demonstrações de patriotismo são constantes, enquanto *a Semana do Ódio* parece ser uma versão distópica das celebrações do dia de São Valentino. Nessas ocasiões as figuras centrais dos ataques são a potência contra a qual a Oceania está em guerra e Emmanuel Goldstein, considerado como o grande traidor do regime e líder de um mítico foco de resistência chamado de a Fraternidade.

O programa dos Dois Minutos de Ódio variava de dia a dia, sem que porém Goldstein deixasse de ser a personagem central cotidiano. Era o traidor original, o primeiro a conspirar a pureza do Partido. Todos os subsequentes crimes contra o Partido, todas as traições, atos de sabotagem, heresias, desvios, provinham de seus ensinamentos. [...] Era o objeto de Ódio mais constante que a Eurásia ou Lestásia, porquanto, quando a Oceania estava em guerra com uma dessas, em geral estava em paz com a outra.

[...]

No sexto dia da Semana do Ódio, depois das passeatas, discursos, cursos, gritaria, cantoria, bandeiras, cartazes, filmes, esculturas em cera, rufar de tambores e guinchar de clarins, reboar de pés em marcha, ronco das esteiras dos tanques, zumbido dos aviões no ar, troar dos canhões – depois de seis dias de atividade, quando o grande orgasmo se aproximava trêmulo do clímax e o ódio geral contra a Eurásia se condensara em tamanho delírio que a multidão teria certamente esquartejado com as unhas os dois mil prisioneiros de guerra eurásianos cujo enforcamento público se realizaria no último dia (ORWELL, 2003, p. 16, 17, 174-175).

Entretanto, a sublimação do ódio não se configura apenas como uma inversão dos conceitos que norteiam o mundo empírico. A funcionalidade social desse processo é aparente e pormenorizada pela descrição do protagonista. As mais diferentes frustrações são normalizadas, direcionadas e liberadas por todos os indivíduos de forma organizada e ritualística. Qualquer forma de descontentamento e revolta que, potencialmente, colocariam em risco a estabilidade do regime, expurgadas por meio de uma válvula de escape comum, ou seja, a hostilização dos inimigos da sociedade. Ocorre, dessa maneira, uma homogeneização institucional da violência encontrada nos sujeitos, obscurecendo os anseios individuais e afastando, por meio da massificação, os perigos que cercam o desordenamento emocional da população. Em *1984* todos descarregam o ódio, meticulosamente alimentado, sobre os opositores do Grande Irmão e, conseqüentemente, reafirmam o seu amor pelo líder máximo da sociedade.

No mesmo momento, porém, arrancando um profundo suspiro de alívio de todos, a figura hostil fundiu-se na fisionomia do Grande Irmão, de cabelos e bigodes negros, cheio de força e de misteriosa calma, e tão vasta que dominava toda a tela [...] Nesse momento, todo o grupo se pôs a entoar um cantochão ritmado “G.I!.. G.I!.. G.I!..” [...] Era um estribilho que se

ouvia com frequência nos momentos de emoção dominadora. Era em parte um hino à sapiência e majestade do Grande Irmão, porém, mais que isso, era auto-hipnotismo, o afogar deliberado da consciência por meio do barulho rítmico (ORWELL, 2003, p. 18).

Apesar de não se incluir totalmente nessa uniformidade, Winston Smith participa ativamente dessas ocasiões de exorcismo psicológico, sendo que, em determinados momentos, a própria personagem não consegue evitar a contaminação pela entusiasmo irracional que o cerca. Contudo, é importante salientar que o alvo para o qual o ódio do protagonista se direciona muitas vezes se distingue daquele atacado pela maioria. Suas agressões verbais e suas demonstrações de fúria, ainda que convincentes, não suprimem a sua insatisfação com a realidade na qual vive. Pelo contrário, essas sessões diárias geralmente catalisam o desprezo da personagem pela estrutura do regime. Dessa maneira, o dispositivo de controle baseado no ódio às vezes se realiza em Winston de forma contrária, ou seja, o protagonista odeia o Partido e o Grande Irmão. Assim, ele encontra nessas reuniões matinais o espaço propício para liberar esse sentimento sem ser contestado ou punido.

Contudo, a completa inversão da irracionalidade coletiva não é alcançada pela personagem. A consciência de Winston é, em determinados momentos, absorvida pela fúria coletiva, aspecto que enfatiza o poder de massificação desses rituais.

O horrível dos Dois Minutos de Ódio era que, embora ninguém fosse obrigado a participar, era impossível deixar de se reunir aos outros. Em trinta segundos deixava de ser preciso fingir. Parecia percorrer todo o grupo, como uma corrente elétrica, um horrível êxtase de medo e vingança, um desejo de matar, de torturar, de amassar rostos com um malho, transformando o indivíduo, contra a sua vontade, num lunático a uivar e fazer caretas [...] Assim, havia momentos em que o ódio de Winston não se dirigia contra Goldstein mas, ao invés, contra o Grande Irmão, o Partido e a Polícia do Pensamento; e nesses momentos o seu coração se aproximava do solitário e ridicularizado herege da tela, o único guardião da verdade e da sanidade num mundo de mentiras. No entanto, no instante seguinte se irmanava com os circunstantes, e tudo quanto se dizia de Goldstein lhe parecia verdadeiro. Nesses momentos seu ódio secreto pelo Grande Irmão se transformava em adoração (ORWELL, 2003, p. 16-17).

Finalmente, do ponto de vista social, a perpetuação da guerra é um dos fatores que causam um clima de desconfiança extrema e generalizada em todos os espaços compartilhados pelos indivíduos. Os confrontos externos são diretamente assimilados pelo corpo social, transformando os cidadãos em potenciais inimigos e dedicados espiões do Partido. No universo distópico todos os possíveis laços de confiança e amizade são corrompidos por uma ortodoxia doentia que busca nas mais simples ações

e nos menores gestos o signo do desvio. Dessa forma, a lealdade proveniente das relações interpessoais, que poderia representar uma ameaça para a irrestrita autoridade do Partido, é destruída por meio de um radicalismo idólatra que une os sujeitos sob a égide do Grande Irmão. A guerra externa é transformada num conflito interno permanente onde cada indivíduo é suspeito de ser um inimigo da sociedade e mantido em irrestrita vigilância por todos aqueles que o circundam. Esse sistema de terrorismo social e ideológico possibilita a extensão do poder controlador do Partido para quase todas as instâncias da sociedade, incentivando a delação e a perseguição de ideocriminosos.

Era terrivelmente perigoso deixar os pensamentos vaguearem num lugar público, ou no campo de visão de uma teletela. A menor coisa poderia denunciá-lo. Um tique nervoso, um olhar inconsciente de ansiedade, o hábito de falar sozinho – tudo que sugerisse anormalidade, ou algo de oculto. De qualquer forma, uma expressão facial imprópria (ar de incredulidade quando anunciavam uma vitória, por exemplo) era em si uma infração punível. Em Novilíngua havia até uma palavra para caracterizá-la: chamava-se *facecrime* (ORWELL, 2003, p. 63).

É interessante notar a ênfase que Orwell coloca sobre o papel das crianças na solidificação e perpetuação do totalitarismo distópico. Em *1984*, tanto o presente quanto o futuro do regime é cultivado por meio do condicionamento e da normalização infantil. Os jovens cidadãos da Oceania são os vigilantes mais eficientes e determinados na batalha contra os inimigos internos do Ingsoc. O ódio alimentado por esses pequenos espíões atinge tal grau de radicalismo que, em muitos casos, os próprios pais são as primeiras vítimas de suas carreiras como delatores. Assim, o Partido estende as suas ramificações para dentro de todos os espaços, inclusive o familiar, por meio da manipulação de membros treinados desde a mais tenra infância. A guerra se internaliza até os meandros da família.

Quase todas as crianças eram horríveis. O pior de tudo era que, com auxílio de organizações como os Espiões, sistematicamente transformavam-se em pequenos selvagens incontroláveis, e no entanto nelas não se produzia nenhuma tendência de se rebelar contra a disciplina do Partido. Ao contrário, adoravam o Partido, e tudo quanto tinha ligação com ele [...] Toda essa ferocidade era colocada para fora, dirigida contra os inimigos do Estado, contra os forasteiros, traidores, sabotadores, ideocriminosos. Era quase normal que as pessoas de mais de trinta tivessem medo dos próprios filhos (ORWELL, 2003, p. 26).

Diante desse quadro, a única opção restante para alguém como Winston Smith é a dissimulação. A profunda impessoalidade resultante da transposição do conflito externo para dentro das fronteiras, das ruas e dos lares aumenta o sentimento de solidão do protagonista. Qualquer tipo

de busca por um contato mais humano é vista como suspeita e, não raras vezes, criminosa. Conseqüentemente, a personagem constrói de forma meticulosa uma máscara de contentamento e dedicação que esconde não apenas a sua frustração e o seu sofrimento, mas também a consciência individual que pode condená-lo. “Dominar os sentimentos, controlar as feições, fazer o que todo mundo fazia, era uma reação instintiva” (ORWELL, 2003, p. 19). Na obra de Orwell o enclausuramento do indivíduo é contínuo até o momento que o seu próprio corpo não mais lhe pertence e apenas uma pequena região em seu íntimo pode se constituir como espaço para o exercício de alguma forma de liberdade. Todavia, como Winston aprende no final da obra, esse resquício de individualidade é totalmente inaceitável para o Partido: o controle absoluto solidifica o poder absoluto.

Em conclusão, podemos afirmar que a guerra permanente não é travada contra nenhuma potência estrangeira, mas contra cada um dos cidadãos da própria Oceania. O objetivo do eterno conflito não é a dominação dos inimigos, mas a normalização e o controle de todos os aliados. Por meio desse mecanismo - ao mesmo tempo econômico, ideológico, psicológico e social - a estabilidade interna é assegurada por um novo conceito de conflito externo. Em 1984, uma nova forma de guerra é criada, de modo que surge uma nova maneira de conceber a paz. No universo distópico de Orwell as duas concepções não são opostas, mas complementares. A disputa entre superpotências incapazes de conquistarem umas às outras não apenas perpetua indefinidamente a batalha, mas também institucionaliza a querela como dispositivo regulador social. Assim, os indivíduos mantêm suas atenções voltadas para a política externa em detrimento de suas próprias necessidades e direitos individuais, de modo que o Partido estabelece um meio de canalizar os recursos que poderiam ser usados na erradicação da pobreza. A passividade dos sujeitos diante desse quadro é alcançada pelo enfraquecimento e docilização dos corpos, pela insuflação dos valores nacionais e do patriotismo, pela espetacularização da guerra e pela exigência de uma ortodoxia radical que transforma os cidadãos em inimigos em potencial, ainda que todos estejam comprometidos com os mesmos princípios.

A guerra é travada, pelos grupos dominantes, contra seus próprios súditos, e o seu objetivo não é conquistar territórios nem impedir que os outros o façam, porém manter intacta a estrutura da sociedade. Daí, o se haver tornado equívoca a própria palavra “guerra”. Seria provavelmente correto dizer que a guerra deixou de existir ao se tornar contínua [...] O efeito seria mais ou menos o mesmo se os três superestados, a o invés de guerrearem, concordassem em viver em paz perpétua, cada qual inviolado dentro das suas fronteiras [...] Uma paz verdadeiramente permanente seria o mesmo que a guerra permanente. Este, embora a vasta maioria dos membros do Partido só o compreendam num sentido mais raro, é o significado profundo do lema do Partido: *Guerra é Paz* (ORWELL, 2003, p. 192).

Nesse contexto, o protagonista tem a dualidade como uma das marcas principais de sua caracterização. Por um lado Winston participa da massificação desenvolvida pelo Partido, de modo que alguns de seus atos são especialmente representativos do nível de normalização alcançado pela doutrina do Grande Irmão. Isso demonstra que, em certa medida, a personagem é também um produto do sistema. Por outro lado, o protagonista se define principalmente pela consciência em relação à sociedade distópica. Winston reconhece os dispositivos envolvidos na guerra permanente e, ainda que ele não consiga entender profundamente os seus objetivos, a personagem relaciona tais elementos com a subserviência da população e a intolerância na qual a Oceania está mergulhada. Entretanto, o silêncio e a dissimulação são os meios pelos quais Winston deve sobreviver. O seu desvio deve ser ocultado e os seus pensamentos precisam ser reprimidos como forma de prolongar a sua existência. Dessa forma, poderíamos dizer que uma guerra também se estabelece dentro do protagonista, na qual o medo e a revolta disputam cada reflexão e condicionam cada atitude. Essas forças verdadeiramente antagônicas, ao contrário daquelas envolvidas no conflito mantido pelos superestados, produzem um indivíduo em constante estado de tensão e sempre à beira de uma ação extrema. Paradoxalmente, nos parece que essa luta interna é aquilo que mantém a sanidade da personagem no mundo aparentemente insano da distopia, espaço no qual a guerra se torna um eficiente mecanismo de controle e sustentação da dinâmica de poder estabelecida.

## **Referências**

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a Crítica do Sujeito**. Curitiba: Editora UFPR, 2001.

CALDER, Jenni. **Huxley and Orwell: Brave New World and Nineteen Eighty-Four**. London: Edward Arnold, 1976.

FABRIS, Annateresa. **Futurismo: Uma Poética da Modernidade**. São Paulo: EDIUSP, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

HUXLEY, Aldous. **O Despertar do Mundo Novo**. São Paulo: Hemus, 1979.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Editora Nacional, 2003.

ORWELL, Sonia. ANGUS Ian (org.). **The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell: As I Please 1943-1945**. Volume 03. New York: Harcourt, 1968.